

# Brasileira

## PARADOXOS



Os paradoxos habitam a experiência humana. Estão presentes em nossos vínculos, em nossos desejos, em nossas escolhas e, de modo particular, no campo da psicanálise. Aquilo que parece contraditório frequentemente revela dimensões profundas da subjetividade, convidando-nos a abandonar respostas simples para acolher a complexidade da vida psíquica.

Nesta edição, dedicada ao tema Paradoxos, reunimos reflexões que percorrem diferentes perspectivas teóricas e clínicas, evidenciando como tensões, ambiguidades e contradições não constituem obstáculos ao pensamento, mas caminhos férteis para sua ampliação. Os textos aqui apresentados exploram encontros e desencontros, permanências e transformações, certezas e dúvidas, compondo um mosaico que reflete a riqueza do trabalho psicanalítico.

Nesse contexto, convidamos três colegas para refletirem sobre os paradoxos em importantes autores da psicanálise. A psicanalista Ana Paula Terra Machado aborda de forma clara e profunda os paradoxos na psicossomática; a psicanalista Beatriz Behs desenvolve os paradoxos em Bion; e a psicanalista Lisiane Cervo apresenta os paradoxos em Winnicott. Além dessas contribuições, outros colegas compartilham suas reflexões sobre esse tema que não se fecha em conclusões definitivas, mas que, ao contrário, auxilia-nos a ampliar o conhecimento e a expandir a mente.

Vivemos em um tempo que frequentemente exige posicionamentos rápidos e respostas definitivas. A psicanálise, entretanto, lembra-nos da importância de sustentar perguntas, de tolerar a incerteza e de escutar aquilo que emerge nos espaços intermediários. É justamente nesses territórios paradoxais que novas compreensões podem surgir.

Agradecemos aos autores que compartilharam suas reflexões e aos leitores que aceitarão o convite para percorrer estas páginas. Que esta edição inspire questionamentos, diálogos e descobertas, mantendo viva a capacidade de pensar diante das complexidades que nos constituem.

Gostaria também de registrar meu agradecimento à competente equipe que tornou possível a realização deste trabalho, formada pelas colegas Andrea Zelmanowicz, Jeanete Sacchet, Luciana Grillo, Nicole Campagnolo e Vera Hartmann. Também à nossa eficiente jornalista Loraine Luz pelo competente trabalho.

Não poderia deixar de agradecer, de forma especial, à nossa presidente, Patrícia Goldfeld, pelo convite e pela confiança depositada em mim para atuar na Diretoria de Publicações. Sou muito grata por esta oportunidade de aprendizado, colaboração e crescimento institucional.

Boa leitura!

**Cibele Couto**

*Diretora de Publicações*

### EXPEDIENTE

#### Editora

Cibele Couto

#### Conselho Editorial

Andréa Zelmanowicz, Jeanete Suzana Negretto Sacchet, Luciana Wagner Grillo, Nicole Campagnolo e Vera Hartmann

#### Assistente Editorial

Loraine Luz

#### Revisão de português

Mayara Lemos

#### Diagramação

Marcelo Pereira Teixeira

#### Capa

Micaela Feijó Wünsch

**Imagem da capa:** Jardins, Tânia Couto, 2018

#### Secretária

Jamile Nogueira

### DIRETORIA DA SBPdePA 2026 / 2027

#### Presidência

Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld

#### Vice-Presidência

Katya de Azevedo Araújo

#### Tesouraria

Thércio Andreatta Brasil

#### Diretoria Administrativa

Leticia Picinin M. Messinger

#### Diretoria Científica

Luciana Saraiva Schmal

#### Diretoria de Publicação

Cibele Formel Couto

#### Diretoria de Divulgação

Júlio Sperb

#### Diretoria de Comunidade e Cultura

Susana Salette R. Chinazzo

#### Diretoria do Centro de Atendimento

#### Psicanalítico

Carmen Sílvia Luz do Prado

### INSTITUTO DE PSICANÁLISE 2026 / 2027

#### Diretora

Denise Zimpek

#### Secretário

Flávio Roithmann

#### Coordenadora da Comissão de Formação

Mara Loeni Horta Barbosa

#### Coordenadora de Seminários

Paula Esteves Daudt Sarmento Leite

#### Coordenadora da Comissão de Formação em

#### Psicanálise da Infância/Adolescência

Ester Malque Litvin

### DIRETORIA DA AMI 2026 / 2027

#### Presidente

Gabriela Alves Morsch

#### Vice-Presidente

Clarissa Leonardi Padilla

#### Secretária

Fernanda de Oliveira Schmid

#### Tesoureira

Roberta Peruchin Loureiro da Silva Breda

#### Conselheiro Egresso

Evelise Bastos de Braga

#### Conselheiro MI:

Cristina Wünsche

### Memória e Arquivos da SBPdePA

Jeanete Sacchet

### Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça Dr. Maurício Cardoso, 07, Moinhos de Vento CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil  
Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857

[www.sbpdepa.org.br](http://www.sbpdepa.org.br)

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

# Palavras da presidente



A SBPdePA orgulha-se por ser uma Sociedade plural, inclusiva, afetiva e extremamente dedicada ao estudo da obra de Freud e da psicanálise em geral. Essas características de nossa Sociedade mostram-se importantes neste momento de tempos paradoxais, com recrudescimento de guerras, conflitos, polarizações... O excesso produzido pelo homem transbordou nos mares e o lixo se acumula. O planeta manifesta sinais de desequilíbrio climático influenciado pelas ações humanas e pelo descuido com o meio ambiente. Ao mesmo tempo em que a tecnologia nos aproxima, quanto mais conectados, mais isolados estamos. O ser humano libera-se dos sentimentos de vergonha e medo, permitindo-se revelar nas redes sociais toda sua agressividade.

A psicanálise vai na contracorrente do imediatismo e do consumo. Também é o método mais completo e profundo para abordar a mente humana e auxiliar no seu desenvolvimento. Temos constata-

do que, para além das salas de análise, a psicanálise pode ser um instrumento valiosíssimo para auxiliar em situações de trauma coletivo, nas catástrofes climáticas e em situações de guerra. As sociedades psicanalíticas tornam-se os locais onde os psicanalistas se auxiliam e se confortam mutuamente, onde obtêm apoio e conhecimento para lidar com os mundos superpostos, como nos aportou Janine Puget. Aliás, essa psicanalista, nascida na França, mas que viveu na Argentina a maior parte de sua vida, tinha um pensamento inovador e rebelde, que tanto contribuiu em teoria e técnica para a psicanálise vincular. Janine foi homenageada na maravilhosa Jornada do Núcleo de Vínculos da Brasileira, em maio: 100 anos de Janine Puget.

Boa leitura!

**Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld**  
*Presidente*

# Palavras da vice-presidente



É uma honra dar continuidade a uma gestão iniciada em 2024, acompanhando a trajetória da nossa presidente Patrícia Goldfeld. Como vice-presidente, procuro acompanhar, auxiliar no apoio e no planejamento institucional, bem como representar a Brasileira em eventos, reuniões e interlocuções com outras entidades psicanalíticas.

Compete a mim, ainda, contribuir na manutenção das diretrizes da SBPdePA, auxiliando a Presidência e a Diretoria na atribuição de suas atividades e contribuindo para o bom relacionamento com o Instituto e seus membros.

Especificamente nesta gestão, estou atuando como integradora dos diversos representantes da Brasileira em outros espaços psicanalíticos, buscando conhecimento e divulgações interna e externa.

Além disso, estou inaugurando e desenvolvendo o espaço de pesquisa psicanalítica juntamente com as colegas de diretoria Letícia Messinger e Susana Chinazzo e demais integrantes do grupo de pesquisa. Nesse projeto, propomos uma revisão de literatura sobre as questões e os desafios do *setting* psicanalítico on-line, investigando de que forma essas transformações podem se expressar clinicamente e avaliando suas limitações e repercussões.

Prazer em fazer parte desta Sociedade tão viva e produtiva!

**Katya de Azevedo Araújo**  
*Vice-presidente*

# O aparente sem sentido: paradoxos

**Ana Paula Terra Machado**

*Membro titular com função didática da SBPdePA.*



O funcionamento mental comporta contradições que, desde o início da psicanálise, foram destacadas nas descobertas freudianas. Apenas salientando algo tão conhecido, no campo da neurose, o Eu precisa administrar impulsos e interdições resultando em sintomas que são aparentemente paradoxais e exigem uma produção de sentido para que possam ser compreendidos. Há ainda paradoxos que, ao contrário de serem resolvidos, são necessários e precisam ser sustentados como a bela e sagaz compreensão de Winnicott a respeito do objeto transicional.

No campo da psicossomática psicanalítica, igualmente nos deparamos com paradoxos, sendo, possivelmente, o mais marcante o da somatização, que ameaça a própria vida para preservar a subjetividade. Diante de uma conjuntura traumática, como a interrupção de projetos de vida, os paradoxos configuram situações de ruptura e estão relacionados com a perda de objeto, seja real, seja fantasiada. Os caminhos, nesses casos, podem ser o luto e a melancolia, que ocorrem na esfera psíquica, ou, ainda, uma somatização, quando o processo de elaboração psíquica diante do sofrimento se encontra impedido.

As somatizações são divididas em dois grupos. O grupo das regressões benignas, que dizem respeito às “somatizações nossas de cada dia” — refiro-me aqui ao potencial somatizante de todos nós,

sempre que nossas defesas habituais não conseguem dar conta das excitações que assolam o Eu. Essas somatizações são reversíveis e estão associadas a um funcionamento mental, em geral, neurótico. E outro grupo, que envolve as somatizações, caracterizadas por uma desorganização progressiva do funcionamento mental e que envolvem patologias severas que colocam em risco a vida. Esse quadro, no qual um movimento regressivo atinge o soma, é um recurso extremo para preservar a ligação do Eu com o mundo externo. O corpo adoece para manter a sobrevivência psíquica, como uma solução diante da ameaça de desintegração do EU.

Há ainda uma particularidade decorrente do adoecimento orgânico: quando os esperados sentimentos de decepção, dor e tristeza não surgem e o que se apresenta é um sentimento de alívio diante de um diagnóstico. Claude Smadja (2005) definiu essa situação como o “paradoxo psicossomático”. Esse sentimento paradoxal está em estreita relação com a ideia da importância do objeto na dinâmica psíquica e com a condição prévia ao adoecimento denominada depressão essencial.

Essa forma de depressão, descrita por Pierre Marty (1966), é um dos conceitos centrais do funcionamento mental subjacente ao fenômeno psicossomático. Trata-se do que foi inicialmente chamada de uma depressão sem

objeto, ou seja, essa manifestação depressiva difere dos outros quadros de depressão, nos quais a sintomatologia se expressa como tristeza profunda, um intenso sofrimento psíquico, sentimento de culpa. A depressão essencial se revela como fadiga, como um cansaço persistente. É uma espécie de mal-estar vago, com uma angústia difusa, no qual queixas corporais diversas se contrapõem às psíquicas.

Na depressão essencial ocorre é um desligamento, um apagamento da dinâmica psíquica, que se caracteriza por uma perda gradativa e insidiosa do tônus vital, um desinteresse pela vida, pelos objetos que habitualmente eram investidos e davam sentido à existência. Deve haver uma “resignação”, a vida tem que seguir. Essa condição implica em uma perda libidinal gradativa que não diz respeito apenas à perda objetual, é também uma perda de si mesmo, dos investimentos no próprio EU, configurando uma perda narcísica. O funcionamento mental torna-se operatório e esse processo de desligamento, de desintração pulsional, dá início a uma desorganização progressiva, desencadeando a somatização, quando é então detida a destrutividade interna pela fixação somática.

A situação paradoxal é que a doença pode tornar-se um objeto. Sabemos que o objeto é o agente da intrincação pulsional e é através dos objetos que a vida se expan-

de. Esse novo objeto, ainda que às custas de uma situação difícil e complexa, desperta o interesse e cuidados da equipe médica, há o envolvimento familiar, a presença dos amigos. Todo esse contexto funciona como um aporte narcí-

sico promovido pelo investimento libidinal coletivo no paciente, somando esforços dele próprio pelo seu restabelecimento. É surpreendente que, muitas vezes, há uma mudança positiva no humor do paciente, recuperando seu ânimo.

A carga afetiva promove uma nova ligação pulsional e pode surgir uma nova reorganização do EU. Quando esta conjuntura favorável ocorre, há uma nova chance de restauração do narcisismo, de um narcisismo de vida.

# O Paradoxo em Bion

**Beatriz Behs**

*Psicanalista, membro titular com função didática da SBPdePA e membro pleno do CEPdePA.*



Pensar o paradoxo demanda, antes de tudo, abandonar a perspectiva de que o pensamento sirva para eliminar contradições. A ideia de paradoxo aponta para a necessidade de sustentar a tensão entre dois polos aparentemente inconciliáveis. A palavra vem do grego *pará* (além, contra) e *doxa* (opinião, crença), designando aquilo que desafia o esperado, que escapa ao consenso imediato. Mais do que simplesmente desafiar, o paradoxo expõe os limites de um certo modo de pensar — aquele que se organiza segundo uma lógica linear, baseada em encadeamentos de causa e efeito.

Em oposição a essa lógica linear, no horizonte do pensamento complexo, tal linearidade se revela insuficiente. A realidade não se deixa capturar por sequências simples: ela é tecida por múltiplas determinações e interações simultâneas. Em vez de previsibilidade, encontramos uma lógica de sistemas abertos, na qual o inesperado e o acaso não constituem exceções, mas elementos integrantes do próprio funcionamento. O paradoxo, como forma de pensar, sinaliza que estamos diante de uma

complexidade que não pode ser reduzida sem perdas.

Wilfred Bion propõe uma mudança de paradigma na psicanálise ao utilizar, para a observação dos fenômenos mentais, o modelo de sistemas abertos, próprios do universo dos objetos complexos — e, portanto, paradoxais. Esses objetos são não lineares, não explicativos e não se submetem a uma lógica causal simples de causa e efeito. Opõem-se, assim, aos objetos simples, lineares, explicativos e diagnósticos.

O objeto psicanalítico, para Bion — isto é, o objeto de nossa observação —, é descrito como um objeto da complexidade, que se apresenta segundo um modelo espectral. A primeira grande expressão de sistemas abertos em sua obra aparece no modelo das partes psicóticas e não psicóticas da personalidade. Ao longo de todo o seu percurso teórico, Bion utiliza o modelo espectral: no espectro entre narcisismo <—> socialismo; na oscilação entre as posições PS<—>PD; no movimento entre estados mentais de paciência <—>segurança; no conceito de cesura, entre outros. O modelo da censura contempla aquilo que

une e aquilo que separa, paradoxalmente, em um mesmo tempo, assim como os pares contatamento—ruptura, continuidade—descontinuidade, interno—externo, inconsciente—consciente, entre outros.

Aqui já se encontravam presentes as sementes de um pensamento complexo, dialógico — e não dialético —, tal como viria a ser formulado por Edgar Morin na década de 1970. Como já mencionado, a realidade factual não se deixa capturar por sequências simples e lineares; no entanto, é no campo da realidade psíquica que essa insuficiência se torna ainda mais evidente.

Visto que o objeto psicanalítico é um objeto da complexidade, sua observação e elaboração não podem ser reduzidas a instrumentos que alcancem apenas a ordem linear. Correríamos, assim, o risco de perder sua origem multidimensional. Instrumentalizar modelos espectrais, adotar sistemas abertos de observação, incluir o pensamento paradoxal constituem, no modelo proposto por Bion, uma tentativa de abrir caminhos para que possamos tangenciar a complexidade dessa atividade chamada psicanálise.

# Paradoxo em Winnicott

**Lisiane Milman Cervo**

Membro titular com função didática da SBPdePA



TÔ  
(...) Eu tô te explicando  
Pra te confundir  
Eu tô te confundindo  
Pra te esclarecer  
Tô iluminado  
Pra poder cegar  
Tô ficando cego  
Pra poder guiar  
Suavemente pra poder rasgar  
Olho fechado pra te ver melhor  
Com alegria pra poder chorar  
Desesperado pra ter paciência  
Carinhoso pra poder ferir  
Lentamente pra não atrasar  
Atrás da vida pra poder morrer  
Eu tô me despedindo pra  
poder voltar

*Tom Zé (1976)*

Esses versos de Tom Zé dão o tom com o qual pretendo me aproximar do estilo e das ideias de Winnicott, autor que deita e rola na noção de Paradoxo! Com sua linguagem criativa, Winnicott distancia-se da lógica convencional, cartesiana e do rigor de formulações psicanalíticas enrijecidas, para dar conta da natureza complexa e paradoxal da experiência humana. Também se afasta do senso comum e do pensamento binário, predominante na psicanálise até então. A escrita de Winnicott é rica em jogos de palavras e ritmos, que proporcionam ao leitor uma experiência imaginativa, em harmoniosa conexão com o conteúdo transmitido e com a vitalidade de suas ideias. A melhor forma de ler seus artigos é bus-

car o sentido não apenas no que está nas linhas, mas nas entrelinhas, tal como poemas em prosa. Em relação a sua teorização, o Paradoxo central e mais inovador da obra de Winnicott é o da Transicionalidade, com a formulação de um Espaço Intermediário (ou Potencial). Desde o seu texto seminal *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* (1951), está anunciado que o objeto transicional não é um objeto interno e não é (para o bebê) um objeto externo. O objeto transicional não está sob controle mágico (como o objeto interno) e não está fora de controle (como a realidade externa). Apresentado assim, pela via da Negativa, o objeto transicional inaugura a Área Intermediária da experiência humana, entre o que é subjetivamente concebido (Realidade Interna) e o que é objetivamente percebido (Realidade Externa). Há uma transformação da noção de limite que separa esses dois campos (interno/externo; dentro/fora). Em Winnicott, a indecidibilidade apresenta-se desde a própria origem, o que se revela na sua conhecida frase: Não existe essa coisa, o bebê! A expressão unidade-dual mãe-bebê já aponta, como imperativo psíquico, a necessidade de uma continuidade externa/interna. O sentido não é de uma oposição externo-interno, mas de uma coexistência que possibilita criar algo novo a partir da comunicação entre as duas categorias de realidade. É nessa área de sobreposição, também chamada Zona de Ilusão, que se constitui a sede do brincar, dos interesses

culturais, das artes, da religião e do viver imaginativo. Nesse espaço é criada uma ordem diferente de experiência, que é simultaneamente real e ilusória. O próprio Winnicott (1971) explicita o valor do Paradoxo em sua obra: “Minha contribuição é solicitar que o paradoxo seja aceito, tolerado e respeitado e não que seja resolvido”. A aceitação do paradoxo é essencial para todo indivíduo que seja capaz de ser enriquecido pelo vínculo cultural, com o passado e com o futuro (p. 10). Winnicott desenvolveu uma teoria original sobre o lugar do paradoxo na vida psíquica e nos processos de maturação, o que pretendo ilustrar abaixo. Algumas de suas conhecidas contribuições são: só sou capaz de estar só em presença de alguém; só posso ser original quando baseado na tradição; só posso criar algo se ele for encontrado e estiver realmente presente; só posso encontrar alguém, se ele for destruído — e sobreviver; aquilo que temo que possa acontecer na verdade, já aconteceu; “Oh, Deus, permita que eu possa estar vivo quando eu morrer!”.

## Referências

Tom Zé em parceria com Elton Medeiros (1976). *Tô, do álbum “Estudando o Samba”*.

Winnicott, D.W. (1951). *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Winnicott, D.W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

## Artigos

# Paradoxos: civilização/cultura, ética/moral

**Augusta Gerchmann**

*Psicóloga, psicanalista, membro titular com função didática da SBPdePA.*

**Newton Aronis**

*Psiquiatra, psicanalista, membro fundador da SBPdePA e membro titular com função didática da SBPdePA.*



A expressão paradoxo tem origem na palavra grega paradoxos, formada por *pará* (oposto ou contrário a) e *doxa* (opinião, crença). O paradoxo é uma afirmação, situação ou argumento que, apesar de partir de premissas aparentemente razoáveis e seguir uma lógica válida, leva a uma conclusão que contradiz a si mesma, desafia o senso comum ou implica uma impossibilidade.

Ao consultar a bibliografia relacionada ao tema, para alguns autores, o paradoxo poderá ser uma ideia que vem em sucessão a uma crença que ao mesmo tempo a contraria.

Roussillon (1991) aponta a existência de uma comunicação paradoxal por meio do conceito bio-niano de “ataque ao vínculo”. Nas diferentes formas de comunicação paradoxal, a capacidade de ligação do aparelho psíquico é excedida em alguma de suas modalidades.

Roussillon nos recorda três tipos distintos de organização que podem conduzir a uma ligação. Uma delas opera no nível das representações psíquicas. O feto, por sua vez, constitui-se como um processo, envolvendo aspectos econômicos no trabalho de ligação psíquica. Sabemos o quanto os excessos podem implicar uma desorganização profunda, quando, então, o sujeito não consegue viver uma experiência afetiva suficiente. A experiência com psicóticos nos mostra como uma excitação pulsional excessiva pode levar ao fracasso de um primeiro trabalho de organização mental. O autor lembra, ainda, que a história e a herança de cada sujeito exercem sua força oculta. (Roussillon, 1991, p. 63)

Nessa esteira, Didier Anzieu identifica um pensamento comum aos psicanalistas, em que predomina uma lógica das contradições, seja pelo conflito entre o desejo e a defesa, entre o amor e o ódio, entre as instâncias psíquicas, seja no interior de uma mesma instância. O enunciado inconsciente está em contradição com o enunciado que se manifesta através da

palavra. O reconhecimento do conflito determinará a dor psíquica e seus desdobramentos, seja no âmbito pessoal, seja no social. Aponta Roussillon, a partir das concepções de Searles, que “a comunicação paradoxal e seu sistema de relação de objeto particular, faz pensar no funcionamento isomorfo dos grupos e famílias de psicóticos descritos por R. Kaes”. Quando os limites do Eu permanecem constantemente confundidos e o psiquismo pouco constituído e organizado, devastadores serão seus efeitos (Roussillon, 1991, p. 65).

Finalmente, em Winnicott encontramos a utilização do paradoxo como central na constituição psíquica, em que ele afirma que deverá ser aceito e não resolvido. O autor vai buscando, sob dois vértices, do sujeito e do objeto, uma forma de dar sentido ao que compreende como paradoxo, permitindo que o ser humano sustente a ambiguidade da própria experiência humana. Assim, desde a chegada no mundo, o bebê se enfrenta com a ideia de criar um objeto quando é este mesmo objeto que se apresenta no momento em que o bebê estaria pronto para criá-lo. O objeto encontrado é vivido pelo sujeito incipiente como uma criação sua, o que para Winnicott significa que o objeto é subjetivamente percebido, mas ele deverá ser encontrado no mundo.

Essas sucessivas vivências paradoxais no sentido de Winnicott serão estruturantes e fundamentais para a construção de uma noção do SER, através de uma experiência de ilusão que proporciona o cabedal de sua existência futura. É nessa perspectiva que Bollas (2024) nos oferece o conceito de identificação perceptiva, segundo a qual: “Ao percebermos as características do objeto, este é amado por si mesmo e não por (causa de) quem o ama (p. 123).

A partir de nossa introdução com autores consagrados, faremos considerações que incluem os conceitos de cultura e civilização frequentemente usados como equivalentes e que, por vezes, incorrem em si mesmos em posições paradoxais.

Freud publica, em 1929, seu artigo intitulado “Das Unbehagen in der Kultur”, uma tradução literal de “Mal-estar na cultura”, mas traduzido muitas vezes como “Mal-estar na civilização”. O próprio Freud não fazia uma distinção entre os vocábulos; e nesse artigo ele postula que somos movidos por Eros e Ananke, traduzidos por amor e necessidade. Por outro lado, encontramos o ódio e a frustração que podem ser seus opostos em manifestações paradoxais.

Entendemos a civilização como o fruto das conquistas permanentes da humanidade, podendo tomar formas diversas em diferentes culturas. É cogitada como aquilo que se transmite de geração em geração, correspondendo a aquisições que acompanham a evolução da espécie, de seu comportamento e estrutura psíquica, podendo influenciar na constituição dos aspectos mais recônditos do humano.

A cultura, por sua vez, reflete em toda produção de um agrupamento humano em uma determinada época e local. A cultura poderá estar próxima ou se afastar das conquistas civilizatórias, assim como a ética e a moral poderão coincidir ou operar como emergentes paradoxais, tendo em vista que as distâncias entre cultura e civilização, em um lado, e moral e ética, em outro lado, apresentam uma variação que poderá ser caracterizada por uma gradação espectral.

A cultura vitoriana, por exemplo, caracterizava-se por uma moral estrita, comandada por um agente externo que exigia rigoroso cumprimento de suas leis. Essa pressão externa era característica de sua época e lugar determinados, atraindo, paradoxalmente, condutas sexuais contrárias à dita moral. Como um paradoxo da conduta em vigor, Freud reconhecia a hipocrisia da sociedade.

Nessa perspectiva, a interdição internalizada, não como um ato externo, é fundamental para o processo civilizatório, e do ponto de vista individual traduz a aquisição de uma ética como conquista permanente do ser humano, de forma distinta dos hábitos culturais que se expressam refletindo a moral corrente.

Quanto à psicologia individual, os aspectos éticos do homem independem de época e de leis pré-determinadas pelo período a que concerne. Nasce de limites impostos ao homem, com toda frustração e sofrimento implicados no processo. A título de exemplo de comportamento ético, lembramos dos ativistas antiescravidão em uma época na qual a cultura aceitava e estimulava a escravidão, não como uma imoralidade, mas sim como uma moral da época.

Desse modo, em sociedades preconceituosas, o indivíduo ético torna-se o criminoso que deverá sofrer sanções, pelo pensamento e pela conduta contrária às leis vigentes.

Enquanto manifestação pulsional, a permanência da pulsão de apoderamento, sem transformação e amalgamada ao desejo ambicioso, poderá resultar em uma busca desenfreada de poder, faltando os demarcadores de respeito à alteridade (como a empatia) e desencadeando atos violentos e perversos. A depender da cultura, os mesmos atos poderão ser condenados ou, paradoxalmente, admirados.

Bollas, por sua vez, oferece-nos o conceito de identificação perceptiva, em contraste com a identificação projetiva, postulando que se trata de “[...] uma forma madura de amor, não funcionando de acordo com os axiomas intrinsecamente narcísicos da projeção e da introjeção reconhecidos como processos mentalmente primitivos” (Bollas, 2024, p. 123).

Freud nos alertou que o mais primitivo anda ao lado do mais evoluído, desde o funcionamento psíquico individual até o funcionamento coletivo nos agrupamentos. O verniz social e cultural frequentemente nos oculta fantasmas sinistros que emergem com vocação a se popularizar.

A observação de que tanto as pessoas menos letradas como os mais eruditos da cultura alemã apoiavam o regime nazista, revelou-nos um paradoxo e auxiliou na compreensão dos preconceitos. Nesse contexto, se esperaria que os portadores de mais conhecimento tivessem mais crítica acerca de

um pensamento coletivo que visava a destruição daqueles que pertenciam ao grupo perseguido. Não foi o que aconteceu, mas o seu contrário.

Chama igualmente atenção que não somente entre os alemães, mas em toda Europa eram hegemônicas as teorias que abarcavam as questões raciais com a ideia de uma raça pura. Ou seja, a diversidade de raças seria motivo de conflito intrapsíquico ou

transcultural? Que ameaças representariam ao sincretismo social?

O cenário da psicologia dos grupos nos mostra um paradoxo importante frente a simples compreensão psicológica de cada indivíduo. Enquanto a adesão a uma rede confere ao sujeito um sentimento de pertencimento, de valorização e amparo social, as fraquezas, os defeitos e a sensação de vazio são projetados nos agrupamentos considerados inimigos. O que sustenta esse fenômeno é a permanência de uma narrativa baseada na construção de estigmas, conferindo-lhes determinados atributos que

Em Winnicott encontramos a utilização do paradoxo como central na constituição psíquica

destoam do conjunto e caracterizam uma diversidade de ameaçadora que deve ser combatida.

Não podemos esquecer a descrição de Freud (1921) acerca do estado hipnótico, quando os membros de um grupo se submetem ao seu líder ou às ideias às quais individualmente poderiam condenar ou, no mínimo, questionar.

Pensamos que o estado hipnótico tem suas origens na fé pautada por ideais narcísicos, movimentando-se através da regressão do superego, quando algum ideal se destaca por superinvestimento e perde o grau de abstração para personificar em alguma pessoa ou ideia. Como exemplo, quando se dá uma fusão entre os membros e seu líder, que passam a ter seus pensamentos e atos governados desde o exterior. Esse líder, no que lhe diz respeito, encontra no rebanho uma maneira de acreditar numa força em nome de desmentir a própria fragilidade existencial.

Portanto, quando o sistema de ideais, enquanto ética, é descartado, afeta a organização do pensamento que é regido através de uma ideologia concreta e a lei fornece para a ideologia o seu aspecto de imperativo categórico. Nessa perspectiva, a ética individual daria lugar a uma moral de grupo, perdendo-se a capacidade de pensar, de observar e criticar. Como uma regressão do superego, impõe-se um superego grupal sinistro.

O processo que se iniciaria com a quebra do funcionamento equilibrado dos ideais como uma ética poderia levar a um desmantelamento estrutural do superego e do sistema de pensamento autônomo e criativo. Poderia ser expressão da idealização daqueles que constituíram o sujeito e que se atualizam em novas versões, quando a severidade do superego provoca reversão e projeção sobre "o diferente — em geral o estigmatizado" em quem recai a responsabilidade pela frustração sofrida. A ameaça que o estigmatizado gera não deixa de representar a fantasia do próprio perseguidor projetada. E é no período da primeira infância que residem as origens da interpretação que cada sujeito, singularmente, faz do meio que o cerca, sustentáculo do que tornar-se-á sua *weltanschauung*.

A desubjetivação ou desumanização termina por atravessar os dois grupos, dos perseguidores e dos perseguidos. Quanto aos perseguidores, eles demonstram a perda de autonomia do pensamento, o borramento da subjetividade e, sem que percebam, sua alteridade é negada em detrimento do grupo. Em geral, estão condenados a se encontrar com aquilo a que mais temem, que é o seu vazio existencial. Tor-

nam-se agentes da "banalização do mal", enquanto ocupam um lugar na pirâmide social e econômica que poderá ser ameaçada, envolvendo um fenômeno que os aliena de si mesmo. Em nome de defender uma cultura dada, renegam princípios civilizatórios e, como defesa extrema do sofrimento que o contexto cultural envolve, refugiam-se num estado de alienação, abdicando do pensamento próprio para tornarem-se instrumentos a serviço daquele que foi elevado ao lugar de pai protetor e idealizado.

Quando se trata de seguir cegamente a ideia do líder, o pensamento individual é abolido e o risco é de desaparecer a identidade deste seguidor, isso já configura um paradoxo. Torna-se um paradoxo alguém que se sinta desamparado, solitário e esvaziado buscar, justamente, um líder que vive os mesmos sentimentos, e, ao negar e voltar as costas para sua fragilidade, ambos encontram adeptos que tendem a imitar suas ações,

comportamentos e opiniões como forma de fortalecerem-se. O paradoxo é justamente a perda da reflexão crítica e individual. As pessoas passam de sujeitos psíquicos a membros de uma "manada humana".

#### Referências

- Anzieu, Didier (1997) *Crear/Destruir Madrid: Editorial Biblioteca Nueva (Trabalho original publicado em 1996)*
- Bollas, C. (2024) *Identificação perceptiva. In: O momento freudiano (Trad. Pedro Perússoo). São Paulo: Editora Nós*
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização. In S. Freud, O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (P. C. L. de Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13–122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).*
- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, Obras completas: psicologia das massas e análise do eu e outros textos. (P. C. L. de Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13–113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).*
- Roussillon, R (1995) *Paradojas y situaciones fronterizas del psicoanálisis. Buenos Aires: Amorrortu (Trabalho original publicado em 1991).*
- Winnicott, D.W. (1975) *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In: O Brincar & a Realidade. (Trad. José Octávio Abreu e Vanede Nobre). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1953 e 1958)*

O cenário da psicologia dos grupos nos mostra um paradoxo importante frente a simples compreensão psicológica de cada indivíduo

# O paradoxo da fartura

**Gley P. Costa**

*Médico psiquiatra e psicanalista; membro titular da Associação Psicanalítica Internacional; membro fundador, efetivo e didata da SBPdePA.*



A fartura, no plano individual, tão desejada como promessa de conforto e felicidade, nem sempre produz a fortaleza subjetiva que imaginamos. Ao contrário, é a escassez — em suas formas materiais, emocionais ou simbólicas — que desperta no indivíduo a musculatura interna necessária para enfrentar o mundo. A falta gera e integra criatividade, sobriedade e discernimento; a fartura tende a anestesiar, adormecer e diluir a potência vital.

Não se trata de glorificar a privação, mas de reconhecer que ela opera como uma espécie de “treinamento emocional”. Diante do limite, o sujeito é empurrado a inventar caminhos, a desenvolver sutilezas perceptivas, a aprimorar sua capacidade de esperar e de suportar frustrações. Ele aprende que o desejo não precisa coincidir imediatamente com a satisfação, e que há um valor formativo no intervalo entre uma coisa e outra. É nesse hiato que se organiza a esperança, que se afina a sensibilidade e que se consolidam formas mais sofisticadas de prazer.

A fartura contínua, por sua vez, pode instaurar uma paradoxal pobreza: de sentido, de imaginação, de capacidade de simbolizar. Quando tudo é dado antes de ser desejado, o prazer perde seu relevo;

quando nada falta, o mundo empalidece. A ausência de tensões formadoras fragiliza a estrutura psíquica, tornando o indivíduo menos preparado para adversidades inevitáveis. É como se a vida, ao retirar seus pequenos desafios, retirasse também a chance de o sujeito descobrir suas capacidades internas.

Por isso, o verdadeiro bem-estar não se encontra na fartura ilimitada, mas no processo de transformar privações em matéria de crescimento. A escassez, nesse sentido, funciona como mestra severa, porém generosa: ensina a valorizar o que dispomos, a reconhecer o que se perde, a distinguir o supérfluo do essencial. E, sobretudo, ensina que o prazer mais consistente não nasce do excesso, mas do encontro íntimo com aquilo que foi conquistado a partir de algum esforço, de alguma espera, de algum percurso.

Nesse paradoxo da fartura, a vida sussurra uma lição simples e profunda: não é a quantidade de bens, estímulos ou possibilidades que fortalece o sujeito, mas a qualidade das experiências que o convocam a se tornar autor da sua própria história. A escassez, quando transfigurada em aprendizado, revela-se menos como ameaça e mais como autonomia e independência — bases importantes do tão almejado sentimento de Autoconfiança.

# Jéssica Benjamin e o paradoxo do reconhecimento

**Rosana Rossatto**

*Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*



A chegada ao público brasileiro da tradução de “Os laços de amor: Psicanálise, feminismo e o problema da dominação”, da psicanalista e filósofa Jessica Benjamin, em tradução de Virginia H. Fer-

reira da Costa, parece-me marcar um acontecimento importante para o campo psicanalítico contemporâneo. Situado na confluência entre psicanálise, teoria crítica e filosofia política, o pensamento de

Benjamin desloca a clínica para o centro de uma reflexão sobre reconhecimento, dominação, gênero e intersubjetividade. A esse respeito, o que me soa especialmente interessante em sua escrita é que, mais do que oferecer uma teoria das relações humanas, Jessica Benjamin acompanha os modos pelos quais o sujeito se constitui na tensão entre onipotência e contato, entre dependência e autonomia, entre vínculo e destruição. Tal tensão, constitutiva da vida psíquica, não precisa resultar necessariamente em separação, pode, ao contrário, permanecer viva e produtiva na relação com o outro.

Nesse recorte entre os conceitos que atravessam sua perspectiva intersubjetiva da psicanálise, interessa-me destacar particularmente o paradoxo do reconhecimento. Para Jéssica Benjamin (p. 12), “a necessidade de reconhecimento” implica num “paradoxo fundamental: precisamente no momento em que realizamos nossa própria independência, tornamo-nos dependentes de outro para reconhecê-la”. É justamente por isso que autoafirmação e reconhecimento aparecem, em sua perspectiva, como polos de um equilíbrio delicado. Para que alguém possa sentir que existe, que pensa, deseja ou age, é necessário que isso encontre reconhecimento em um outro. Ou seja, precisamos do outro para dar sentido à nossa experiência psíquica. E esse reconhecimento só tem valor quando vem de um outro que não está submetido ao nosso controle, mas que é reconhecido como um sujeito separado, com desejos e existência próprios.

Segundo essa interpretação de Jessica Benjamin, o conflito entre desejo de controle e desejo de vínculo faz parte inevitável da vida psíquica. No entanto, é possível viver essa tensão de maneiras menos destrutivas, sem romper ou apagar a relação com o outro. Em vez de eliminar o conflito, o reconhecimento permite mantê-lo vivo de forma criativa e transformadora. A noção de reconhecimento mobilizada por Benjamin não designa um estado harmônico ou fusional, mas um processo intersubjetivo contínuo, marcado por conflito e deslocamento. Portanto, o paradoxo formulado pela autora não constitui um impasse a ser superado, mas uma condição psíquica fundamental que precisa ser continuamente sustentada. Benjamin compreende ainda a própria experiência comunicativa como lugar privilegiado do reconhecimento. Este não se reduz a um gesto performativo nem a uma cena idealizada em que dois sujeitos simplesmente se “veem”. O reconhecimento acontece no interior da troca: verbal, afetiva, corporal e silenciosa, através da qual os sujeitos se afetam e se transformam reciprocamente. Portanto, para Benjamin, mais do que um acontecimento pontual, trata-se de um processo contínuo sustentado na prática comunicativa que torna pos-

sível ao sujeito encontrar o outro sem dissolver sua alteridade.

Aquilo que Georg Wilhelm Friedrich Hegel formulou no plano da luta pelo reconhecimento, Jéssica Benjamin desloca para o campo da experiência psíquica primordial, acompanhando os primeiros encontros entre o bebê e aquele que o cuida. Para a psicanalista, o reconhecimento buscado pelo infante só pode ser oferecido por um cuidador capaz de existir como sujeito separado. A esse respeito, ela introduz a noção do reconhecimento mútuo, compreendido não apenas à satisfação das necessidades do bebê, mas à possibilidade de uma experiência relacional na qual ambos participam ativamente da constituição do vínculo. É nesse campo que a autora aproxima contribuições da psicanálise e das suas pesquisas empíricas sobre a interação mãe-bebê, destacando fenômenos como sintonia emocional, reciprocidade afetiva, influência mútua e compartilhamento de estados mentais. Em vez de conceber o bebê como sujeito passivo diante do ambiente, Benjamin o compreende como participante ativo da relação, capaz de convocar, organizar e transformar as respostas do outro. O bebê não apenas recebe seus objetos, mas também participa da própria constituição deles.

Como afirma Jessica Benjamin, “o reconhecimento é, portanto, reflexivo; ele inclui não apenas a confirmação do outro, mas também a maneira como nos encontramos nessa resposta” (p. 15). É justamente a dificuldade de sustentar esse paradoxo na interação que pode, e frequentemente o faz, transformar a troca de reconhecimento em relações de dominação e submissão. Diante desse breve esboço acerca do paradoxo do reconhecimento, permanece a questão: em que medida a clínica contemporânea convoca o pensamento de Jessica Benjamin, especialmente a partir dessa formulação? A aproximação ao pensamento da autora surgiu a partir da experiência clínica e, especialmente, da minha experiência no seminário de observação de bebês, sob coordenação de Ester Litvin, em nossa Sociedade. Há algo de particularmente instigante quando a experiência em nossas salas de análise, assim como a experiência de acompanhar a constituição dos primeiros laços, movimenta a teoria e permite que nosso encontro com a psicanálise permaneça vivo. Talvez resida aí a importância de retomar esse paradoxo para o pensamento clínico contemporâneo, não como uma resposta definitiva, mas como possibilidade de habitar, sustentar de maneira mais aberta e sensível, a complexidade dos vínculos humanos.

*Benjamin, J. (1988). The bonds of love: Psychoanalysis, feminism, and the problem of domination. Pantheon Books New York.*

# Supervisão coletiva e seus paradoxos

**Luciana Wagner Grillo**

*Psicóloga, especialista em psicoterapia de orientação analítica pelo CEAPIA*

*Especialista em psicoterapia pelo CELG.*

*Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA.*



Em março deste ano, fui sorteada pela diretoria da AMI para levar um caso de análise à Supervisão com a Dra. Virgínia Ungar, a qual foi convidada para ministrar a aula inaugural do Instituto com o título “A ética na transmissão da psicanálise”. O paradoxo, dentro de mim, já se instalou a partir daí: frente à oportunidade tão rica de aprendizado e, para mim, irrecusável, emerge a desacomodação de estar num lugar de exposição. A supervisão coletiva convoca “abrir” a intimidade da clínica para colegas, a pensar de forma compartilhada o material clínico para expandir ideias, com natural receio de lidar com ansiedades frente ao “estranho”. A fala inicial da Dra. Virgínia, tão generosa e delicada, foi facilitadora de nosso encontro e sustentou o paradoxo de estar naquele lugar: trabalhando as sutilezas da técnica através de diversos olhares, e

levando em conta, a todo momento, minha relação com a paciente e suas vicissitudes. Sua postura ética, cuidadosa, transmitiu muito além de palavras. Foi continência, presença! Rapidamente, o estranhamento cedeu lugar a um clima familiar, de acolhimento e de liberdade para pensar. Recebi da Dra. Virgínia e dos colegas segurança na discussão promovida, o que transformou o desafio daquele contexto em um catalisador de novos sentidos a minha formação. Tal qual uma sessão de análise, um momento de supervisão, seja individual, seja em grupo, é uma vivência única, permeada por subjetividades que se cruzam, o que confere valor ainda mais significativo ao momento. Que possamos seguir, como membros da AMI, criando novos espaços que promovam trocas e aprofundamento na escuta dos nossos pacientes!

## Conto

### Lucidez

Amarelo, vermelho. Verde. A vontade era de abandonar aquele poste da Avenida Independência. Estava lá havia anos, indicando quando era permitida a passagem, mas poucos respeitavam a orientação de seus sinais. Ignoravam o vermelho. Terra de daltônicos, pensava no início, mas logo entendeu que aquele mundo que construía suas próprias regras sabia demoli-las com a mesma velocidade. A rapidez dos carros ultrapassava qualquer sinal e os burladores não viam a escuridão em que podiam se meter.

Os homens queriam mais carros nas ruas, lutavam para chegar rápido, concorrendo com relógios. Preocupados em erguer edifícios que encostassem no céu, competiam com o espaço, em uma luta marcada por avisos histéricos de *aluga-se* e *vende-se* junto às janelas. Ao longo do tempo, a cidade foi sendo preenchida com fios de luz que conduziam às conexões, outras vezes ao emaranhado desleixo.

O calor subindo das calçadas, as guerras entre carros e bicicletas, pássaros colidindo com edifícios

envidraçados, tudo isso, que era parte do cenário onde vivia, começou a lhe doer. O barulho das buzinas suscitou um tumor que já tinha percorrido o bulbo de sua estrutura. Algumas vezes, manteve-se vermelho por horas, até subirem no poste e forçarem a sequência de três cores nos tempos determinados pelo coordenador do sistema de tráfego.

Gostava daquela esquina, apreciava a música e os cheiros



vindos da lancheria ao lado, agradavam-lhe os passantes cruzando a rua em ritmos diferentes, assim como os cães brincando com seus donos, mas queria ser outra coisa. Algo que pudesse conservar o ruído das águas, não só das ruas, como o chafariz da esquina.

Um dia, os carros pararam ao ver o sinal vermelho e ficaram aguardando a luz verde depois de vinte segundos, o período usual. A partir daquele momento, ele não indicou mais nada. Subiram no poste naquele entardecer, mas ninguém foi capaz de fazer com que voltasse a funcionar. Os carros exalavam fumaça branca de inverno enquanto parados no congestionamento quilométrico que se formou. Galhos de árvores

sacudiam sobre os entregadores de jornal de rua que aproveitavam o trânsito lento para oferecer todos os periódicos em mãos.

Entregou toda a sua luz para aquela esquina e dessa vez tinha partido. No outro dia, um semáforo mais novo, com um verde-limão, ocupava seu lugar, cintilando pela Avenida Independência com a mesma força que ele irradiava em tempos remotos.

\*

Algumas quadras acima de onde viveu acendendo luzes, a voz de uma mulher vibra uma melodia estrangeira enquanto dobra roupas que serão colocadas em uma pequena maleta. A cantiga entra em seus poros e o desperta. Em breve sairá das águas.

Percebendo os fortes movimentos na barriga, ela fala com ele: Marcos, você está querendo nascer.

**Marília Santos Krüger**  
(Membro do Instituto da SBPdePA)

*O conto "Lucidez" integra o livro Amanhã seremos outros (Artes & Ecos, 2021), de Marília Santos Krüger, obra de narrativas curtas vencedora do Prêmio da Associação Gaúcha de Escritores (AGES) e indicada ao Prêmio da Academia Rio-Grandense de Letras (ARL) em 2022.*

## Momento histórico

# Projeto Ubuntu: seis anos de história!

Neste ano, celebramos o 6º aniversário do Programa de Bolsas Formação Psicanalítica do Instituto de Psicanálise da SBPdePA para profissionais negros, negras e indígenas das áreas de psicologia e medicina.

Atualmente, contamos com sete membros e esperamos lançar um novo edital público, para mais uma vaga, ainda em 2026, conforme os recursos do nosso fundo financeiro.

O Projeto Ubuntu, assim como iniciativas semelhantes, busca abrir uma brecha na histórica e injusta exclusão de profissionais negros, negras e indígenas em nossos Institutos de Psicanálise, além de representar uma importante contribuição social na busca por equidade.

Vivenciamos — e nosso Projeto comprova — que o ingresso desses colegas nos Institutos de Psi-



Ignácio, Vera, Eliane, Astrid, Lisiane, Beatriz e César

canálise enriquece a psicanálise e os psicanalistas, tanto pela fecundidade dos intercâmbios, quanto pela possibilidade de fazer trabalhar as diferenças na convivência entre o semelhante/diferente/singular. O enfrentamento do racismo somente se torna possível pela convivência no mesmo tempo e espaço, no campo relacional, com todos os desafios e as resistências que surgem, mas que são passíveis de trabalho psíquico e vincular.

### Algumas realizações

Ao longo desses seis anos, recebemos prêmios da IPA, da Fepal e da Febrapsi, sinalizando o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido. Em 2025, lançamos o livro "Ubuntu — Eu sou porque nós somos, trajetórias antirracistas no território psicanalítico".

A Comissão Ubuntu iniciou contato com o Quilombo Vila do Sabugueiro, no município de General Câmara/RS, para trabalhar a identidade do grupo e oferecer atendimento emocional a lideranças e moradores, mobilizada pelo sofrimento decorrente da enchente de 2024 no RS.

Integrantes da Comissão Ubuntu estiveram em diversas instituições para apresentar o Projeto Ubuntu e compartilhar os passos e os desafios para sua implementação. Esses encontros ocorreram tanto na capital do Rio Grande do Sul, quanto em outras sociedades da FEBRAPSI que vêm abrindo a discussão sobre ações afirmativas em seus Institutos de Psicanálise.

A Associação dos Membros do Instituto (AMI) aprovou, em assembleia, a doação facultativa de quinze reais mensalmente por membro para o Fundo Financeiro Projeto Ubuntu.

Por meio de uma Ação entre Amigos, foi realizado, em 01/06/2026, o sorteio de uma cópia numerada (165/500) do quadro Abaporu, de Tarsila do Amaral, cuja verba arrecadada foi destinada integralmente ao Projeto.

Em junho, a Comissão Ubuntu e o Instituto de Psicanálise promoveram o Seminário Aberto "A Angústia: conceito psicanalítico fundamental". Ao longo do ciclo, cada profissional convidado aprofundou o debate sobre a angústia de acordo com a teoria de um autor específico:

Ana Paula Terra Machado (Freud), Christiane Vecchi da Paixão (Melanie Klein), Beatriz Saldini Behs (Bion) e Celso Halperin (Winnicott).

Nos dias 27 e 28 de novembro de 2026, sedaremos a II Jornada sobre Ações Afirmativas das sociedades vinculadas à Febrapsi. O evento dará continuidade aos debates iniciados na primeira edição, realizada no ano passado, na SBPRJ.

Eu sou porque nós somos.

### **Comissão Ubuntu**

Composição: Ane Marlise Port Rodrigues (coordenadora), Beatriz Saldini Behs, Camila Reinert, Christiane Vecchi da Paixão, Eliane G. Ferreira Nogueira, Ignácio Alves Paim Filho, Rosa Santoro Squeff, Sandra M. Sales Fagundes e Vera Elisabeth Hartmann.

## **Notícias**

# **Diretoria Científica**



Iniciamos o ano de 2026 animadas e tendo presente a responsabilidade frente à criação da agenda científica da nossa Sociedade, além de fazer conexões importantes para além da Brasileira. Podemos até dizer que se trata de uma certa continuidade de trabalho iniciado anteriormente, vinculada a gestões anteriores, por onde houve participação em comissões coordenadas pelos queridos amigos e colegas Celso Halperin, Silvia Skowronsky, Patricia Goldfeld, Eliane Nogueira e Cibele Couto. O percurso construído nessas experiências imprimiu importantes experiências científicas e institucionais.

A atual Diretoria Científica conta atualmente com a seguinte comissão: Fernanda Felipe, Gabriela Seben, Kellen Anchieta, Lisiane Juges, Luciana Buseti, Mariana Hofmeister Wolf, Thais Ghenês e Vladia Schmidt. Ainda, registramos o agradecimento, pelo suporte permanente, a nossa funcionária Micaela Wunsch.

Estreamos o ano científico, em janeiro, com uma atividade conjunta com a FEPAL (Federação Psicanalítica da América Latina), em colaboração com o diretor científico Renato Luccas e com os colegas Ana Paula Terra Machado e Lores Pedro Meller, por ocasião do lançamento do Congresso "Angústia, Vazio e Ato", programado para ocorrer de 30 de setembro a 3 de outubro de 2026, em Santiago, no Chile.

Nosso eixo temático definido para este ano de 2026 é a "Clínica Psicanalítica", permitindo assim uma ampla e profícua abordagem de questões contemporâneas relativas à teoria, à técnica, à ética, à transmissão, bem como às singularidades da escuta analítica. As atividades iniciaram em fevereiro, com a participação do convidado Leopold Nosek, juntamente com Astrid Ribeiro e Gley Costa, dedicadas à reflexão sobre a clínica contemporânea. Em maio, o foco foi direcionado à clínica da infância e da adolescência, com a convidada Ana Maria Vannucchi e os colegas Aline

Pinto e Julio Sperb. Em junho, foi realizada atividade conjunta com a AMI (Associação dos Membros do Instituto) e com a participação do convidado Fabio Belo, aprofundando uma perspectiva de escuta de orientação Ferencziana. Em julho, teremos as contribuições na Clínica Psicanalítica da observação de bebês, juntamente com a formação integrada, com as colegas: Nara Caron, Lea Lubianca Thormann, Paula Sarmento Leite e Ester Litvin. Já em agosto, realizaremos uma atividade voltada à violência e ao feminino, coordenado por Gabriela Seben e que contará com as convidadas Gabriela Souza e Viviane Viegas, da área do direito.

A nossa sociedade recebeu, em março, o psicanalista francês Jean Baptiste Dethieux, reafirmando a continuidade do Diálogo França-Brasil, com a parceria da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, sob o título "Do inesquecível ao esquecido: construindo o passado de um trauma". Foi um momento significativo para todo o grupo, no qual pudemos estudar o relatório previamente e conhecer o pensamento e a clínica desse importante expoente da psicanálise francesa.

O destaque mesmo do semestre ocorreu em abril, com a exibição do documentário premiado "Outsider Freud", na sala de cinema GNC Iguatemi, acompanhada de encontro posterior e virtual com o cineasta Yair Qedar. A atividade proporcionou reflexões sensíveis, criativas e historicamente situadas acerca da permanência e das tensões da psicanálise no mundo contemporâneo. O documentário percorre a trajetória de Freud — judeu marginalizado na Viena de sua época — e evidencia como as experiências atravessaram sua obra, sua produção intelectual e sua vida pessoal. Contou-se, ainda, com contribuições de Adam Phillips, Daniela Finzi, George Makari e Christfried Tögel. A atividade ampliou o debate psicanalítico para além do âmbito clínico, convocando reflexões éticas, históricas e culturais relevantes, e contou com um grande público presente.

Em maio, realizou-se a Jornada do Núcleo de Vínculos, em nossa sede, com homenagem à psicanalista Janine Puget, sob o título "100 anos: uma memória viva para o devir", além da participação dos convidados Julio Moreno, Silvia Resnizky e Yolanda Gampel.

No momento, a comissão encontra-se em preparação para a nossa próxima Jornada Biental, prevista para os dias 27 e 28 de agosto de 2027, no Centro de Eventos do Barra Shopping. Estão sendo organizadas atividades com convidados internacionais, latino-americanos e brasileiros, com expectativa do grande público cativo em nossas tradicionais Jornadas, que serão distribuídas entre cursos, temas livres, conferências, mesas-redondas e diálogos clínicos. Aguardem mais notícias em breve!

No final de novembro, nos dias 27 e 28, teremos em nossa sede o II Encontro de Psicanálise e Ações

Afirmativas: desafios e perspectivas para as instituições de formação, organizado pelas colegas Janine Severo e Miriam Alves, que contará com o apoio da comissão científica e no qual certamente reuniremos membros do Instituto de todo Brasil, entre tantos colegas interessados nessa temática.

Também é importante compartilhar que tivemos o encontro de todos os diretores científicos das Federadas Brasileiras, organizado pela diretoria da Febrapsi, em março, para definir a construção do eixo temático e o título do próximo Congresso. Em função disso, teremos, no mês de agosto, dias 21 e 22, em Porto Alegre, a vinda da presidente da Febrapsi (Federação Brasileira de Psicanálise), Gleda Araújo, e da diretora científica Rosa Reis, para o lançamento desse grande evento "O Futuro das Nossas Ilusões". Será uma ótima oportunidade para fazermos "pontes" com as ilusões atuais. O Congresso será realizado em Recife, de 20 a 23 de outubro de 2027. Integra também o calendário científico internacional a realização do Congresso da IPA (Associação Psicanalítica Internacional), programado para o período de 25 a 29 de julho de 2027, em Vancouver, no Canadá, com o tema "A Condição Humana no Mundo Digital".

Apresentamos, assim, um extenso "cardápio" da programação científica em desenvolvimento, com o intuito de favorecer a participação de todos e estimular os intercâmbios institucionais. Também podemos observar uma diversidade de conteúdos representativos da cultura psicanalítica contemporânea.

De casa para o mundo da Psicanálise!

Conto com a participação de todos e bom proveito!

**Luciana Saraiva Schmal**

*(Diretora científica)*



Em março deste ano, aconteceu uma reunião para decisão do tema do 31º Congresso Brasileiro de Psicanálise, que ocorrerá de 20 a 23 de outubro de 2027, em Recife, no Expo Center.

Estavam nesse importante encontro o Conselho diretor da Febrapsi e os diretores científicos das Sociedades e Grupos de Estudos. Foram debatidas as diversas propostas enviadas pelas Federadas, ficando escolhido o título do próximo Congresso: "O futuro da nossa Ilusão".

# Diretoria de Divulgação



Iniciamos a gestão com a proposta de ampliar nossa presença nas mídias, fomentando novas ideias e mantendo sempre o nosso compromisso ético na transmissão da psicanálise. Nossa intenção é mostrar mais da Brasileira, do trabalho e do pensamento dos membros da casa, permitindo que o público conheça mais sobre a nossa sólida instituição. É também um objetivo que a Brasileira se torne uma referência para os que não conhecem tanto da psicanálise — sentimos que é um dever nosso ocupar esses espaços que, por vezes, acabam sendo preenchidos e deturpados por discursos sem o devido rigor ético e teórico.

Para isso, no mês de maio, em que comemoramos o nascimento de Sigmund Freud — e no ano em que ele completaria seus 170 anos —, demos início a um projeto muito bem recebido: uma série de vídeos com vários membros da Brasileira falando sobre a importância de estudar a obra de Freud hoje.

Nossa presença nas redes sociais vem se intensificando por meio da divulgação da tão rica agenda de nossa Sociedade! A maior presença de convites para as atividades no formato de vídeos tem permitido ao público conhecer um pouco mais dos con-

vidados e ministrantes desses encontros. Tudo isso tem resultado em crescimento no alcance da Brasileira no mundo virtual.

Dando seguimento ao SBPdePA Cast, recebemos no primeiro episódio do ano Virginia Ungar, a primeira mulher a presidir a IPA, e que também é Membro Honorário de nossa casa. O segundo episódio do ano veio com um tema extremamente especial: “Origens da Brasileira”, com os convidados Leonardo Francischelli e Lores Meller. Nesse episódio, esses dois fundadores da nossa Sociedade nos contaram sobre a fundação e os valores que regem nossa casa psicanalítica.

Para realizar todo esse trabalho, nossa Diretoria de Divulgação atua a muitas mãos, sendo composta pelo Diretor de Divulgação Júlio Sperb em conjunto com a equipe: André Gehling, Graziella Comelli, Larissa Sberse, Renata Telöken, Membros do Instituto da SBPdePA; a jornalista Karine Freitas e a assistente de marketing Micaela Wünsch.

**Júlio Sperb**

(Diretor de Divulgação)

## Novidades do NIA

Iniciamos este ano com a proposta de dar uma repaginada no Núcleo de Infância e Adolescência (NIA). A equipe promoveu um encontro com os membros da Sociedade e do Instituto para apresentarmos as nossas ideias para o funcionamento, além de descobirmos quais eram os interesses de estudo e de atividades dos colegas. Como resultado desse movimento, tivemos a alegria de receber novos membros em nosso núcleo.

Decidimos por um calendário de estudos que alterna entre o que chamamos de “textos do coração”



— um membro escolhe um texto com liberdade de tema e autor para estudarmos —, casos clínicos, textos que brotem em nossas cabeças por associação e eventuais reuniões administrativas.

No dia 7 de maio, a convite da Diretoria Científica, o NIA participou da atividade científica “A Clínica Psicanalítica na Infância e Adolescência: impasses da subjetividade na atualidade”. O encontro contou com a participação de Aline Pinto, Júlio Sperb (SBPdePA), Ana Maria Stucchi Vannucchi (SBPSP) e membros do Instituto, foi coordenado

por nossa colega Kellen Gurgel e secretariado por Luciana Buseti.

Daremos seguimento ao Cine Anime, agora no seu terceiro ano, com duas novas edições, a próxima no dia 1º de agosto, sobre o filme "O Castelo Animado" (2004). Estamos também planejando novas atividades para o segundo semestre, com o intuito de promover trocas com os colegas de dentro e de fora da Brasileira.

Mantemos, por preferência da maioria dos interessados, os nossos encontros presenciais nas sextas-feiras pela manhã. Todos os membros estão convidados a estudar conosco!

Fazem parte dessa equipe de dedicação à clínica e ao estudo da infância e da adolescência, sob a coordenação de Júlio Sperb, os colegas: Adriana Ampezzan, André Gehling, Heloisa Zimmermann, Kellen Gurgel e Renata Camargo.

## AMI 2026

A nova diretoria da AMI (2026/27) herda da gestão anterior terreno fértil para o desenvolvimento de atividades que conciliam sua maior aspiração: a integração de seus membros, fretada pela liberdade de ideias, pelo espaço para a diversidade de posicionamentos e pela mediação dos interesses, estes, sempre que dirigidos ao proveito comum do grupo.

Nesse sentido, a parceria de trabalho com as diretorias do Instituto e da Sociedade tem sido fundamental na ampliação de um ambiente de formação criativo e, sobretudo, consistente.

Pudemos testemunhar esse espírito AMI na confraternização do almoço da aula inaugural, em março, quando a alegria do encontro ficou eternizada na já tradicional fotografia na escadaria que leva a nossa casa, carinhosamente chamada "Brasileira".

No mesmo mês, recebemos convite generoso da Associação dos Candidatos da SPPA, na figura de seu Presidente, o psicanalista em formação Pedro Victor Santos, para que nos reuníssemos em supervisão coletiva com o psicanalista francês Jean Baptiste Dethieux (Membro da Société Psychanalytique de Paris SPP). Uma oportunidade que nos enriqueceu durante os dias em que fomos brindados com os pensamentos do conferencista, no IIIº Diálogo França e Brasil, sediado nas respectivas Sociedades SBPdePA e SPPA.

Muitos projetos já estão ganhando forma. Em 25 de junho, tivemos a satisfação de receber o convidado Fábio Belo (Psicanalista e professor da UFMG) para uma conferência que tratou do tema da parentalidade e da animalidade, a partir das metáforas de Sándor Ferenczi. Na ocasião, contamos, ainda, com



Fernanda, Roberta, Cristina, Gabriela, Evelise e Clarissa

a participação de convidadas: a psicanalista Eluza Maria Nardino (Membro Didata da SBPdePA) e a psicanalista em formação Marta Meneghello Müller Stumpf (Membro do Instituto da SBPdePA) — estudiosas do pensamento de Sándor Ferenczi. O evento, que é uma parceria da AMI com a Diretoria Científica, foi secretariado pela psicanalista em formação Lisiane Junges (Membro do Instituto da SBPdePA) e coordenado pela psicanalista em formação Gabriela A. Morsch (Membro pelo Instituto da SBPdePA e atual Presidente da AMI).

Outra parceria profícua tem sido a da AMI com a Diretoria do Instituto. Além do diálogo constante, temos o prazer de participarmos ativamente das operações das aulas inaugurais.

Inclusive, sugerimos e estamos organizando a vinda de nosso próximo conferencista, o psicanalista Pedro Heliodoro Tavares (Doutor em Psicanálise e Psicopatologia pela Université Paris VII, e um dos coordenadores e tradutores da coleção bilingue alemão/português "Obras Incompletas de Sigmund Freud", da editora Autêntica), que acontecerá em agosto.

No segundo semestre, teremos o nosso tão esperado Simpósio AMI, que trará novidades.

Aguardem!

### Diretoria AMI

Composição: presidente Gabriela Alves Morsch; vice-presidente Clarissa Leonardi Padilla; secretária Fernanda de Oliveira Schmid; tesoureira Roberta Peruchin Loureiro da Silva Breda; conselheiras Cristina Wunsche e Evelise Bastos.

# Comunidade e Cultura



A Diretoria de Comunidade e Cultura tem como propósito promover espaços de reflexão, estudo e transmissão do pensamento psicanalítico. Para isso, organiza cursos, grupos de estudo e outras atividades que possibilitam o aprofundamento da psicanálise e de áreas afins, favorecendo o diálogo com diferentes campos do saber e ampliando as possibilidades de formação e troca entre os participantes.

Outro objetivo fundamental dessa diretoria é levar o nome e o pensamento da psicanálise para além dos limites institucionais, de modo a estabelecer pon-

tes entre a instituição e a comunidade. Dessa forma, as atividades promovidas buscam alcançar tanto o público interno quanto a comunidade externa, configurando-se como um serviço de difusão cultural e de interlocução com a sociedade. Ao tornar o saber psicanalítico mais acessível, a Diretoria de Comunidade e Cultura contribui para ampliar o debate sobre a subjetividade, a cultura e os fenômenos contemporâneos.

**Susana Salette R. Chinazzo**

*(diretora de Comunidade e Cultura)*

## Núcleo de Vínculos



O Núcleo de Vínculos da SBPdePA completa 23 anos de inserção institucional, tempo de muito estudo por caminhos ainda pouco percorridos pelos psicanalistas. O descentramento do indivíduo e do intrapsíquico tornou nosso projeto de estudo uma aventura, um tipo de transgressão à psicanálise clássica. Enfrentamos resistências em nossa própria casa, como se o trabalho com mais de um *não* fosse psicanálise. Olhando o panorama atual, podemos acreditar que conquistamos um espaço de pertencimento e reconhecimento, tanto em nossa instituição quanto na América Latina.

Escolhemos bem nossos mestres e a eles devemos nossas conquistas: Janine Puget, Isidoro Berenstein, Julio Moreno, Sonia Kleiman, Silvia Resnyski, Yolanda Gampel e Daniel Waisbrot, citando apenas os que tivemos o privilégio de conviver, foram fundamentais na construção de nossa identidade como psicanalistas vinculares.

Neste ano de 2026, em que Janine completaria

100 anos, prestamos nossa homenagem e vivenciamos nossa gratidão com a Jornada JANINE PUGET, 100 ANOS: UMA MEMÓRIA VIVA PARA O DE VIR. A Jornada contou com conferencistas que conviveram de perto com Janine, além da participação de seu único filho, o artista plástico Pablo Reinoso, através da imagem de sua escultura Spaguetti Bench que ilustra nosso material de divulgação. O empenho e o investimento libidinal que dedicamos a essa Jornada representam uma espécie de apropriação subjetiva de tudo que vivenciamos ao longo desses anos — como salienta Daniel Waisbrot, transformando memórias em história.

### Núcleo de Vínculos

Ana Rosa C.Trachtemberg, Angela Piva, Astrid Müller Ribeiro, Cynara Kopittke, Denise Zimpeck, Heloísa Zimmermann, Mara Horta Barbosa, Patrícia Goldfeld, Paulo Picarelli Ferreira, Rosa A. Avritchir, Tamara B. J. Ferreira, Vera Maria H. P. Mello.

# Centro de Atendimento Psicanalítico



No final de 2025, recebemos da diretoria anterior a tarefa de coordenar o CAP pelos próximos dois anos. Para tanto, foi importante participar, a convite do diretor anterior — o colega José Ricardo Pinto de Abreu —, da última reunião do grupo do CAP em seu encerramento de gestão. Também buscamos conversar com diretores anteriores, a fim de formar uma ideia sobre essa construção conjunta.

Formamos uma equipe de trabalho composta por Alessandra Guedes, Aline Santos e Silva, Siana Pessin Cerri e Vera Viuniski, e juntas organizamos uma reunião inicial em janeiro de 2026, com todos os participantes do CAP. Optamos por reuniões mensais presenciais, mas abertas também on-line para os que não pudessem estar presentes.

Nessa reunião, colocamos nossas ideias de trabalho e abrimos para pensar com o grupo. Como equipe, pensamos o CAP como um lugar de oportunidade: para quem procura — pois essa pessoa terá, mesmo que por única vez, uma escuta psicanalítica — e também para quem recebe os pacientes, ao apurar a escuta para diferentes tipos de pessoas com demandas que, usualmente, não chegam aos nossos consultórios. Esses atendimentos trazem riqueza e experiência à trajetória de cada psicanalista em formação.

Desejamos que o CAP siga sendo esse lugar democrático, onde possamos todos juntos discutir o que emerge de cada escuta que nos chega através dele. Assim, seguimos aprofundando nosso estudo na teoria e na técnica psicanalíticas, aprimorando nosso fazer a partir da prática clínica.

Ao longo do ano também contaremos com a presença de colegas que discutirão assuntos específicos, enriquecendo com suas presenças a discussão de temas pertinentes. Como sugestão do grupo, em abril, nossa colega Juliana Lang Lima esteve conosco para conversar sobre este tema que sempre nos convoca: dinheiro na clínica. Foi um encontro muito interessante e proveitoso.

No período entre janeiro e abril, recebemos e encaminhamos cerca de 30 pacientes para os membros do CAP. Foi também criada uma lista com colegas que se dispuseram a disponibilizar dois horários de supervisão gratuita para os participantes do CAP que desejarem discutir os atendimentos desses pacientes e os que já estejam em atendimento através do CAP há mais tempo. Essa oportunidade é muito valiosa para todos os participantes. Nosso objetivo é divulgar o CAP cada vez mais por meio dos colegas, das redes sociais e dos contatos com grupos que possam ter interesse nesse atendimento, como estudantes universitários, professores, trabalhadores da saúde, entre outros.

Organizamos nosso espaço de troca e estudo para que as pessoas que buscam atendimento sejam acolhidas em suas demandas, mostrando que nossa clínica de atendimento psicanalítico continua sendo um lugar de referência no cuidado com a saúde mental.

**Carmen Prado**  
(Diretora do CAP)

## Movimentações da sede

### Segundo semestre 2025

Passaram a membro associado: Júlio César Sperb da Rocha, Camila de Araújo Reinert, Carolina Rosa R. de Freitas, Fabiana Britto Grass, Luciana Saraiva Schmal e Nora Helena Pastori Steffen.

Passaram a membro titular Ester Malque Litvin

### Primeiro semestre de 2026

Passaram a membro associado: Caroline Ribeiro, Aline Santos e Silva, Thais Feistauer Starling e Renata Camargo da Silva

Passaram a membro titular: Adonay Genovese Filho e Rodrigo V. Mendonça Boettcher

### Ingressos como membros do Instituto 2026/1:

Amanda Schnorr, André Bento Gehling, Camila Piva da Costa Cappellari, Gustavo Cambraia do Canto, Isadora Severo Garcia, Júlia Subtil Tussi, Marina Ortolan Araldi, Renata Spier Monteiro Wagner, Rosane Cristina dos Santos Pereira, Vinicius Caregnatto Noschang

# Espaço Potencial



O Espaço Potencial é um Grupo de Estudos aberto aos membros da SBPdePA, fundado em janeiro de 2005. Este ano completamos nossa maioria, com 21 anos de estudos, discussões e trocas profícuas, partindo das ideias desenvolvidas por Donald Winnicott e suas intersecções com grandes pensadores da psicanálise (Freud, Ferenczi, André Green, Thomas Ogden, Rene Roussillon, Christopher Bollas, entre tantos outros).

Mais recentemente, temos nos dedicado às obras de dois autores da psicanálise contemporânea que revisitam, comentam e discutem a obra de Winnicott: Ogden (no livro “O que significa estar vivo”) e Bollas (no livro “Solidão Essencial” — Palestras de Roma sobre Winnicott).

A marca registrada do Espaço Potencial é a vivacidade e as discussões e trocas calorosas e valiosas

permeadas por um clima afetivo e acolhedor das diversidades de pensamento.

Para marcarmos e celebrarmos nossos 21 anos, vamos promover uma atividade no dia 15 de agosto, intitulada “A formação da subjetividade na cultura ocidental”, com o convidado Eduardo Wolf — professor de filosofia da Cátedra UNESCO–Archai —, sobre as Origens Plurais do Pensamento Ocidental, na Universidade de Brasília (UnB).

Estamos muito felizes em comemorar esses 21 anos com todos e todas!

(Integrantes: Denise Manfron Haeberle, Karla Ferraro, Luciana Saraiva Schmal, Astrid Muller Ribeiro, Fatima Tonolli Fedrizzi, Cibeles Formel Couto, Paulo Picarelli, Celso Halperin, Claudia Halperin, Lisiane Cervo, Caroline Milman e Ester Malque Litvin.)

## Diretoria Administrativa



A Diretoria Administrativa segue dedicada ao cuidado e à sustentação da vida institucional, buscando qualificar continuamente os processos que dão suporte às atividades da Sociedade.

Neste período, contamos com a contratação de assessoria jurídica, revisamos aspectos relacionados à equipe de funcionários — promovendo os ajustes necessários —, atualizamos o contrato da sede e disponibilizamos uma sala de estudos para os membros do Instituto — ampliando os espaços destinados à formação e ao encontro.

Demos continuidade às melhorias na infraestrutura da sede, com investimentos voltados à conservação, à qualificação dos espaços e à segu-

rança institucional. Nesse contexto, realizamos as adequações previstas pelo Plano de Prevenção e Proteção Contra Incêndio (PPCI), bem como o treinamento da equipe de funcionários para atuação em situações de emergência. Também promovemos ações de capacitação e aperfeiçoamento dos colaboradores.

Seguimos investindo em ações que fortaleçam uma gestão responsável e contribuam para que a Sociedade disponha de uma estrutura cada vez mais segura, acolhedora e adequada às suas atividades.

**Letícia Machado Messenger**  
(Diretora Administrativa)

# Representantes da Brasileira

## Presença na Fepal

Denise Zimpek integra a Comissão de Transmissão da Psicanálise da FEPAL, composta por representantes de diversas sociedades latino-americanas e dedicada à pesquisa de temas relevantes para os Institutos de Formação. Em 2025, o grupo abordou os critérios de avaliação para ingresso na formação, cujos resultados serão apresentados durante uma mesa no Congresso FEPAL, previsto para setembro de 2026. Para este ano, estão programadas atividades com os diretores de Institutos sobre a Formação On-line.

Denise também atua na Comissão de Psicanálise de Casal e Família da FEBRAPSI desde que esta foi criada. Além de proporcionar um espaço para estudos continuados sobre o tema, essa Comissão promove a disseminação da teoria e da técnica dessa modalidade de atendimento a todos os membros interessados, por meio de cursos e simpósios.



## PACE: A psicanálise em ação

O Comitê de Assistência Psicanalítica em Crises e Emergências (PACE), da International Psychoanalytical Association (IPA), criado em 2021, desenvolve ações em diferentes cenários internacionais, oferecendo assistência a populações afetadas por diversos contextos de crise e vulnerabilidade. O Comitê está representado em todos os países que contam com uma sociedade componente da IPA, por meio da participação de um de seus membros. O PACE segue, rigorosamente, a proteção da saúde, da vida e da dignidade humanas, conforme estabelecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tem como missão ampliar o alcance da psicanálise para além dos consultórios, buscando oferecer continência junto a populações que se encontrem em situação de risco. Oferece assistência e intervenção psicanalíticas a pessoas e a comunidades pelo mundo afora, que necessitam e solicitam acompanhamento, ao se encontrarem em situação de crise, incluindo conflitos armados, catástrofes ambientais, pandemias, epidemias e deslocamentos forçados de populações. Sua atuação articula psicanalistas das sociedades filiadas à IPA com instituições de ajuda humanitária, agências governamentais, profissionais de diferentes áreas (professores, médicos, advogados, equipes humanitárias) e público em geral, proporcionando uma compreensão psicanalítica dos processos emocionais e dos vínculos, com foco na capacitação desses profissionais e na criação de um efeito multiplicador. As ações do comitê priorizam intervenções precoces, especialmente junto a crianças e adolescentes, com

o objetivo de reduzir os impactos do trauma e fortalecer uma prática psicanalítica em contextos de sofrimento coletivo. O PACE preocupa-se, sobretudo, com a implicação da psicanálise, levando a sua assistência aos membros das sociedades psicanalíticas no contexto do seu país. Sempre que ocorre uma crise ou catástrofe, o Comitê, por intermédio de Mónica Cardenal, manifesta sua solidariedade e coloca sua experiência e seus recursos à disposição das comunidades afetadas. Na América Latina, Mónica Cardenal, *chair* do PACE, e Julieta Paglini, *cochair* do Comitê, promovem reuniões mensais com os representantes das sociedades componentes da IPA. Esses encontros constituem um espaço permanente de intercâmbio, reflexão e construção conjunta de estratégias para o enfrentamento das urgências que surgem nas diferentes regiões. As reuniões de intercâmbio têm se consolidado como importantes espaços de diálogo, reflexão e elaboração compartilhada. Além de fortalecerem os vínculos entre os representantes das diferentes sociedades, evidenciam a estreita relação entre a psicanálise e os acontecimentos — naturais ou produzidos pela ação humana — que afetam as culturas, a vida coletiva e a saúde mental, reafirmando o compromisso da psicanálise com a compreensão e o cuidado diante do sofrimento humano.



**Augusta Gerchmann**

(representante da SBPdePA no PACE)

# Observatório Psicanalítico



Gabriela Seben



Giuliana Chiapin

O Observatório Psicanalítico (OP) da Febrapsi, que neste ano completa 9 anos de existência, é um dispositivo de escrita de ensaios sobre os acontecimentos que ocorrem no Brasil e no mundo. Esta escrita é uma coleta de restos e de reverberações daquilo que toca internamente e que foi, portanto, significativo emocionalmente nesses anos de OP. Em abril de 2017, no contexto de um mundo atravessado por violências extremas e pelo impacto recente de um atentado terrorista em Londres, surgiu o OP como uma aposta: a de que a psicanálise, em diálogo com outros campos do saber, poderia contribuir para a elaboração dos acontecimentos que atravessam a vida coletiva. Um movimento para contemplar a necessidade de trocas de experiências com colegas psicanalistas que compreendem a impossibilidade de passarmos incólumes perante o que nos afeta.

Desde então, já foram publicados 687 ensaios e 72 Sódepois, que é o editorial mensal realizado pelo grupo de curadoria com o resumo dos acontecimentos do mês, um segundo tempo de elaboração dos acontecimentos.

Nessa lógica de ampliação e trocas, surgiu o Mirante, que é o podcast do OP no qual temas do momento são debatidos entre um/uma psicanalista e um convidado representante de outra área do saber. Já estão no ar, nas principais plataformas de áudio, 46 episódios do Mirante.

Cuidar do OP é nutrir um espaço fértil em trocas, de estímulo ao pensamento sociopolítico, cultural, institucional. Nós, Gabriela Seben e Giuliana Chiapin, integramos o grupo de curadoria do OP, que é um grupo composto por colegas de diferentes regiões do país. Em nosso trabalho de curadoria, buscamos estar em consonância com sua raiz etimológica, que significa “cuidar de”. Temos reuniões semanais

e conversas diárias, e nosso trabalho é formado por uma série de composições e tomadas de decisões: além da revisão dos textos e do encaminhamento de sugestões de edição aos autores, pensamos as publicações em termos de paralelismo, de relações de vizinhança que instiguem associações; acompanhamos os debates a partir de cada ensaio; acompanhamos os acontecimentos diários e convidamos colegas para a escrita; mensalmente lançamos o editorial Sódepois; pensamos convidados e criamos o roteiro para os episódios do podcast Mirante; e administramos as redes sociais do OP. Ainda, organizamos as participações do OP em congressos e demais eventos/atividades.

Mais recentemente, ampliamos o alcance do OP com a participação de colegas da América Latina que também fazem parte do grupo de e-mails e escrevem ensaios para o Observatório. Atualmente, contamos com quase 800 membros em nosso grupo de e-mails.

Em 2023, o trabalho do OP foi reconhecido internacionalmente e conquistou o segundo lugar na premiação da IPA na comunidade e no mundo, na categoria Cultura, prêmio recebido na ocasião do Congresso de Cartagena. E, em 2025, o OP foi novamente agraciado, com o prêmio de segundo lugar pelo podcast Mirante, no Congresso da IPA realizado em Lisboa.

Aproveitamos para convidar os colegas para que participem do OP enviando seus ensaios. Quanto mais diverso, mais interessante será esse espaço! Escrevam seus textos e suas ideias! Aproveitem esse lugar tão único, vivo e inovador que reflete a criatividade e a originalidade da psicanálise brasileira e da América Latina.

**(Gabriela Seben e Giuliana Chiapin)**

# Diálogo entre psicanálise e arte



Claudia e Rafaela no lançamento em São Paulo

No dia 28 de março, na SBPSP, Claudia Kowarick Halperin e Rafaela Degani prestigiaram o lançamento da edição “Perder” da revista Calibán. Os presentes puderam assistir à palestra do curador de arte e professor da USP Agnaldo Faria, à apresentação da peça Horácio, de Heiner Müller, protagonizada pelo ator Celso Frateschi, além de acompanhar as falas de Mariano Horenstein e Maria Luísa Checa, editora-chefe da revista Calibán.

A recepção e a abertura do evento ficaram a cargo de Magda Khouri, presidente da SBPSP, ao

lado das colegas Silvana Rea e Raya Zonana. O encontro celebrou os 14 anos da revista Calibán, reafirmando a importância do diálogo entre psicanálise e arte.

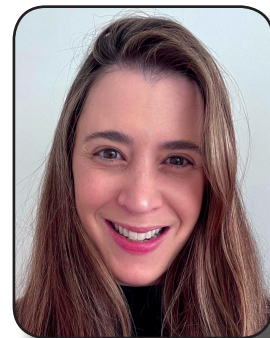
Rafaela Degani ocupa a função de delegada da revista Calibán na SBPdePA, responsável por fazer a conexão e a divulgação da revista na sociedade.

Claudia Kowarick Halperin faz parte do comitê editorial da seção da revista chamada “Dossiê”, coordenada por Silvana Rea.

## Por que escolhi a Brasileira?

# Uma escolha que se impôs

**Renata Spier Monteiro Wagner**



A pergunta que dá título a esta seção do Jornal parece simples, mas a resposta carrega uma história que começa antes mesmo da minha formação em psiquiatria. Antes de ingressar na Faculdade de Medicina, cursei cinco semestres de Psicologia. Não concluí a graduação, mas aquele percurso deixou marcas. Foi ali que me aproximei da psicanálise como campo de pensamento que fazia sentido para mim de um modo que poucos outros faziam.

A especialização em Psiquiatria na Fundação Mário Martins me ofereceu uma formação clínica sólida e, ao mesmo tempo, colocou-me em contato com

professores e supervisores cujos pensamentos eu admirava. Com o tempo, percebi que muitos deles eram vinculados à Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. A coincidência, se é que se pode chamá-la assim, não era fortuita: havia uma coerência de perspectiva, uma forma de escutar e de pensar o sofrimento psíquico que perpassava tanto a formação que eu havia recebido quanto o que a Brasileira representava enquanto instituição.

A isso se soma um fator que, para mim, tem peso considerável: meu analista realizou sua formação aqui e é professor da Instituição. Há algo significativo em per-

ceber que o trabalho que sustenta minha própria análise foi construído dentro das mesmas paredes em que agora me formo, o que para mim representa uma legítima continuidade.

A escolha pela Brasileira, portanto, não foi impulsiva nem puramente afetiva. Foi o resultado de uma convergência entre a escola de pensamento psicanalítico com a qual mais me identifico, os mestres que moldaram minha formação clínica e a trajetória do analista que acompanha meu próprio processo. Quando tudo isso aponta na mesma direção, a escolha não precisa ser justificada: ela simplesmente se impõe.



**SBP de PA**

Sociedade BRASILEIRA de  
Psicanálise de Porto Alegre